

YAN SOL TUPIGUARANI PATAXÓ



itsyansol@gmail.com

Yan é escritor, dramaturgo, ator, performer, pintor, artesão.

Yan Sol
TupîGuarani
Pataxó



TRANS.PARENTE NA DRAMA.TUARGILA

PRELÚDIO:

"É com grande alegria que apresento esta peça a todes, todas, todos os leitores da revista.

A escrita a seguir está em formato original Dramatúrgico, onde normalmente destina-se essa escrita/leitura diretamente a diretores e atores de Teatro; todavia, minha intenção com este ato é, de alguma forma, fomentar este formato de escrita/leitura, inspirando junto a outros formatos mais comumente publicados.

Parte de meu singelo desejo é também que possamos visualizar, em nossa mente, as cenas enquanto passam por nós como leitura, ou leitura dramatizada. Inspirando, quem sabe, diretores e atores a reproduzirem este também singelo, porém promissor, roteiro; e, quem sabe, inspirar leitores a se tornarem dramaturgos, e/ou diretores e atores de Teatro".

"O drama e a vida real.
A vida real e o drama
na mão do dramaturgo
são como tuargila
na mão do escultor
que ama o que faz
e faz o que ama."

Yan Sol.

Peça:

UM CAFÉ PARA MINHA MÃE
de YAN SOL TUPIGUARANI PATAXÓ

Drama: familiar, gênero e etnia.
Peça com 5 cenas. 3 Personagens.

DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS:

KauãAtã: jovem rapaz transexual entre 29 anos, indígena com fenótipo tupi guarani de pele clara. Com roupas confortáveis e mochila de alimentos.

Carine: mulher cisgênera entre 48 anos, com cabelo preso e roupas de casa.

Raabe: adolescente entre 13 anos, características não binária, cabelo colorido e roupas de casa.

CENÁRIO:

1: Frente da casa amarelo creme, com uma porta e janelas, com o número 10 na parede.

2: Sala de estar pequena de classe média baixa, com um sofá pequeno, uma TV em uma das paredes, apenas um quadro antigo em outra parede, uma mesa de centro pequena e uma mesa de canto próxima à entrada com cartazes de Procura-se Camila.

3: Cozinha pequena, geladeira, fogão, mesa pequena de centro com 4 cadeiras, um armário pequeno, quadros de desenho infantil em uma das paredes.

4: Quarto de adolescente, com desenhos em cartaz e fotos nas paredes, luz pisca-pisca branca em uma das paredes, uma mesa pequena de canto com uma cadeira e um banquinho de mesma altura, uma cama, e um colchão extra embaixo da cama, papéis e objetos para desenhar em cima da cama.

«Todos os cenários juntos montados em cena. O quarto de Carine é uma porta extra entre a cozinha e o quarto de Raabe, o qual se posiciona ao extremo oposto em relação à entrada da casa, em cena.

Jogo de som e luzes marcam sensação e sonoridade do ambiente, o amanhecer e anoitecer em cena».

ARGUMENTO:

KauãAtã é um jovem que foi embora da casa de sua mãe aos quase 18 anos, sem avisar a ninguém. E, sem aviso prévio tampouco, 11 anos depois, retorna a visitar a casa de sua mãe que o conhecia apenas como Camila. Essa visita se torna um grande desafio.

CENA 1:

CHEGADA NA PORTA:

KauãAtã: (À tarde, calor, com mochila, chega em frente à porta, espera, bate) toc, toc, toc.

Carine: (Abre a porta, mostra espanto) Camila?! É você?

KauãAtã: (com sobriedade) Não, mãe, meu nome é KauãAtã, já faz 11 anos.

Carine: (com frieza) O mesmo tempo que você desapareceu.
Você tá diferente.

KauãAtã: (lamentando) Eu não conseguia viver mais aqui, pra mim sempre foi tão difícil. Precisei ir pra outro lugar.

Carine: Mas assim? Sem avisar? Você era menor de idade! Colamos cartazes por todos os lados!!

KauãAtã: Eu fui pro sul, certeza que o cartaz não chegou lá.

Era verãozão, faltava menos de uma semana pra completar 18. Se eu avisasse você ia fazer de tudo pra me impedir, e, às vezes, as palavras podem ser mais fortes que atos de força bruta.

Carine: Eu não ia te impedir ué.. mas, (deboche) é... você fez o que achou que tinha que fazer.

KauãAtã: (intrépido) O que eu não tinha certeza era se voltar aqui era uma boa ideia.

Carine: (seriedade e mansidão) Entra. (Vira as costas pra entrar).

KauãAtã: (Toca no ombro de Carine, puxa calorosamente para um abraço frio dela).

CENA 2:

NA SALA DE ESTAR:

KauãAtã: (entra na casa, avista cartazes de Procura-se Camila) Cadê Raabe? (contente) Deve tá enorme!

Carine: (desdenhosa) No quarto dela, só faz isso! Camila, você podia pelo menos ter deixado uma carta, mesmo que não dissesse pra onde ia, (calorosa) pelo menos eu não ia ficar procurando que nem idiota.

KauãAtã: (enfuriado) KauãAtã meu nome mãe, já disse. (emprega doçura) E sim, você tá certa, eu deveria ter deixado pelo menos um bilhete. Mas sair a procurar por alguém que sumiu pode ser um ato de amor.

Carine: (enojada) Como assim, Kauã? (explicativa) Olha, tudo bem você ficar mais masculina, mas trocar de nome.. (enfática) nome de homem?

KauãAtã: (intrépido) Porque sou homem, mãe! (explicativo)
É sou masculino levemente afeminado porque gosto assim.

Carine: (chocada e lenta) Tá dizendo que você nasceu errado?

KauãAtã: (Adusto) Tô dizendo o que eu disse, e o pronome comigo é no masculino. (emprega doçura) Mas respondendo aparte; não acho que eu tenha nascido errado. (explicativo) Sou um homem com útero e tá tudo certo. Até porque, você sabe né!? Que não é pela genital que se designa gênero de uma pessoa.

Carine: (fantasiosa) Quando você nasceu eu já sabia que seria menina, eu escolhi seu nome, Camila: a sacerdotisa, servidora da divindade, mensageira de Deus, e que ainda significa PERFEIÇÃO!

KauãAtã: (sóbrio) Mas na verdade sou homem. Meu nome é KauãAtã, significa O Grande Filho da Água, ou da Cura, porque a água também significa cura, e eu também sou curandeiro lá na aldeia.

Carine: (deboche) Rn! Aldeia?

KauãAtã: É onde moro há 11 anos.

Carine: Você ainda tem tempo de fazer sua vida, fazer uma faculdade, você tá nova! Não teve filhos, né?! Se não teve, melhor pra você!
E você sabe, né, que não quero ser avó!

KauãAtã: Tô novO* ainda sim, mas minha vida já tá no rumo que quero, não quero outro. (Adusto) E sim, fiz faculdade, sou fisioterapeuta; e também socorrista, há 2 anos, pra poder ajudar mais a todos em volta.

Carine: Ahhhh, que bom, pelo menos não vai morrer de fome, dá pra ganhar um dinheiro bom com essas formações! Tá tentando concurso público ou tem clíca?

KauãAtã: Nem uma coisa nem outra. (adusto e desapontado) Você nem tá escutando, né? Não é pelo dinheiro que me formei nisso. Olha, mãe, o que você acha da gente tomar um café ? (Mexe na mochila) trouxe aipim, milho e também café que plantei, colhi e eu mesmo que moí! Cheira!

Carine: Ah que ótimo, mas guarda pra você! Tem café aqui já, e pão.

KauãAtã: Mas, eu trouxe pra você, pra comermos juntos..

Carine: Eu sei, eu sei, guarda pra você, suas coisinhas. Não precisa, não, tá?!

KauãAtã: (Triste) Vou chamar Raabe pra comer também.

Carine: Não! Deixa ela lá! Deve tá até dormindo!

KauãAtã: Mas, você sabe que eu não vou embora sem vê-la, né?

Raabe: (Sai do quarto).

Carine: Aí filha, Camila sua irmã apareceu!

Raabe: Oi Kauã!

Mãe, ele num disse que o nome dele é Kauã.....Atã?!

Carine: (enfática quase sussurrando) Ah... mas não tem como...

Raabe: Você sabe o que tá fazendo?

Oprimindo ele, você pensa que não? Mas isso tem nome, Transfobia! Independentemente de quem seja, ele pode denunciar, porque é crime. Mãe, deixa de ser quadrada! Abre sua cabeça, o nome dele **E*** é Kauã e ponto.

Carine: (Sai andando lento pra cozinha).

KauãAtã: (sóbrio) Se trata de saber que não se sabe o que é melhor pro outro, e sim como posso melhor respeitar e apoiar o outro. Acho que ela se acostumar com a idéia e mudar de atitude é uma fantasia da minha cabeça... Simplesmente...

Raabe: (com humor) Então vamos ter que rezar, e tentar acreditar que pode dar algum resultado.

CENA 3:

NA COZINHA:

KauãAtã e Raabe: (Entram na cozinha).

KauãAtã: (Caminhando para a pia e fogão) Vou colocar água pra ferver também, pra fazer do café que trouxe pra vocês!

Raabe: (Senta em uma cadeira à mesa) Escutei você falar que você que plantou, mano? Me conta mais como é lá onde você mora?!

KauãAtã: É uma aldeia Guarani. O Cacique e o Pagé gostam muito de mim. Eles falam que levei muita coisa boa pra aldeia e me viram mostrando muita coisa boa da aldeia pra pessoas indígenas que não sabiam que podiam se autodeclarar indígenas e pra pessoas de outras etnias, culturas e vivências, nos conhecerem.

Raabe: Que legal!

Hmmm, e que cheiroso esse café! Que lindo esse milho todo colorido! Quero muito provar dessa mandioca! E você virou terapeuta é, mano?

Carine: (Liga em alto volume a smartTV em clipe musical evangélico).

KauãAtã: (Responde alto quase gritando) Sim, mana! Mas é aipim!! Alimentos limpos de venenos agro! E sim! Fisioterapeuta e socorrista! Tenho conseguido ajudar muito, dentro e fora da aldeia!

Raabe: Mãe, abaixa isso aí?!

Carine: (Abaixa minimamente o volume) Ah! É que é tão bom tomar café ouvindo hino!

KauãAtã: É bom mesmo ouvir uma musiquinha enquanto se prepara as coisas!

Carine: (deboche) Engraçado, né? Te criei na cultura de branco, na cidade, e mesmo assim você voltou pra cultura indígena! E que bom que pelo menos você ainda gosta de ouvir hino, né, Camila. O hino abençoa o lugar e as pessoas são tocadas.

Raabe: (Arregala os olhos).

KauãAtã: (Desapontado em silêncio faz tudo mecanicamente pra ter o alimento cozido).

(Todos ouvindo a música em silêncio, preparando alimento e tomando café).

(Todos à mesa para comer).

[Em cena, volume da música vai decrescendo. Silêncio completo].

KauãAtã: Mãe, me alcança a manteiga pra passar aqui?

Carine: Alcança ali, Raabe, pra ela.

KauãAtã: (Se levanta, e sai pisando firme para o quarto de Raabe).

Raabe: Cara.... você não tem jeito. Tem?! (Levanta e vai atrás de KauãAtã).

CENA 4:

NO QUARTO DE RAABE:

KauãAtã: (Andando quase em círculos, de um lado pra outro)

Raabe: (Entra, em silêncio, fica na entrada do quarto)

KauãAtã: (tentando sobriedade) Me arruma papel e caneta, mana? Rápido, por favor.

Raabe: (Ágil) Toma!

KauãAtã: (Senta no banquinho á mesa. Começa a escrever rápido, com força.

Escreve por horas em completo silêncio).

Raabe: (senta na cama, põe fones de ouvido).

[Anoitece]

Raabe: [Tira os fones. Sai (de cena). (Na ausência faz algo).
Entra (em cena) no quarto].
Mano, posso falar com você?!

KauãAtã: (Para de escrever como se saísse de um transe).

Raabe: Dorme hoje aqui? Queria tanto ficar mais tempo com você. Já perguntei pra mãe se você pode.

KauãAtã: (Balança a cabeça dizendo que sim).

Carine: (Aparece na entrada do quarto) Aqui estão as cobertas (caminha e põe na cama, sorri). Boa noite, meninas. Raabe e KauãAtã: (Arregalam os olhos).

Raabe: (Sobrancelhas levantadas, balança a cabeça dizendo que não).

KauãAtã: (Volta pro transe da escrita).

Carine: (sai).

Raabe: (Pega papel e caneta, senta ao lado de KauãAtã, e fica desenhando, junto).

KauãAtã: (Termina de escrever. Dobra e guarda).
Quero desenhar com você! E ouvir música! (Sorri) Bora?

Raabe e KauãAtã: (Desenhando e cantando).
(Guardam as coisas e se deitam, cada um na sua cama,
lado a lado, de mãos dadas, pegam no sono)

[Silêncio, escuridão total]

CENA 5:

**NO QUARTO DE RAABE & SALA DE ESTAR:
FINAL:**

[Sons de poucos pássaros. Amanhece em cena]

KauãAtã: (Acorda, senta na cama. Carinhoso) Mana, tô indo.

Agora você tem meu telefone, sempre que quiser pode me chamar. Tá?

Te amo!

Raabe: (Abraça KauãAtã) Tá bom! Te amo! Não some nunca mais, tá bom?! Promete?

KauãAtã: Prometo! (Levanta, pega a mochila. Sorri. Sai do quarto, passa pela sala, deixa a carta na mesinha de centro, vai embora).

Carine: (Acorda com o barulho da porta. Entra (em cena) na sala. Vê o papel dobrado na mesa, o pega, senta pra ler).

CARTA:

[Desta vez deixo-te uma carta, para deixar claro que estou indo embora, pois.... Sem condições de ficar por perto recebendo dozes diárias desse veneno transfóbico que está circulando junto ao amor que você pode sentir por mim. Queria que quisesse me abraçar, queria que me admirasse. Eu poderia pensar que você um dia vai me respeitar, mostrar seu amor ao me chamar pelo meu nome, ao me chamar de filho... mas pelo visto isso só vai acontecer SE você abrir mão de algo. Algo que não entendo porque existe dentro de você, minha mãe. Esse algo que não te deixa perceber que estás a me invalidar, invalidar quem sou, o que faço de minha vida, como se o que você acredita fosse o melhor pros outros, mas não é. Não é assim. Por vezes, tantas vezes, não conseguimos controlar nossos próprios resultados, quem dirá quando se trata do outro, quando se trata do que faz o outro feliz.

Agora, aqui, se abre um tempoespaço, pra que você saiba o quanto estou cada vez mais feliz comigo mesmo! O quanto, a cada amanhecer, me olho no espelho, e só em me ver, já fico feliz! E isso acontece hoje comigo porque um dia eu quis olhar pra mim e saber, ... consegue entender? Hoje sou feliz com quem sou, por dentro e por fora.

"como posso ser um Ser
Humano melhor
do que fui ontem?
porque não me sinto
completo, feliz?
o que tá faltando?
porque quando me
olho no espelho me
sinto estranho?
porque me sinto
como se fosse outra
pessoa me olhando
nesse espelho?
porque não sinto que
sou eu me olhando?"

Eu admiro e reconheço o amor que, mesmo assim, existe em você, de você pra mim. Você poderia, simplesmente, fechar a porta na minha cara, e quero realmente agradecer a consideração em abrir as portas. Mas abriu a porta apenas de sua casa até agora, falta a de sua compreensão. Deixo nesta carta meu contato, pra quando quiser me chamar de filho, e pelos pronomes que me cabem, respeitando os ofícios que escolhi servir, a cultura da qual somos filhos sequestrados; e digo, eu não fugi de casa, eu retornei para a casa da qual eu nunca deveria ter sido roubado.

Roubado do direito de nascer na aldeia, de saber minha etnia, saber a medicinas de meus ancestrais que curam a mente, o corpo e a alma; muitos estamos retornando para a casa da coerência coletiva em amor, cuidado e contato diário com a Terra; há lugar para todes, todas, todos neste restaurARTE.

Ainda te amo.

de seu filho, KauãAtã TupiGuarani.]

Carine: (Olha 2 garrafas de café, sem ninguém ver, toma o café que KauãAtã fez, olhando pela janela).



TRANS.PARENTE NAS PAZ.LAVRAS

*"Certamente essas cenas trazem à tona **parte** do que vivi com parte de meus familiares, e é parte do que muitas pessoas Transsexuais, Transgêneros Binários e Não Binários, que, poderia eu dizer, viveram, vivem e viverão, mas pareceria que minha crença se baseia na ideia de perpetuação da ignorância e da maldade, e eu não acredito nem aceito esse futuro. Acredito fielmente que intervenções inteligentes, coesas e impactantes podem trazer, trazem e trarão cada vez mais pra perto o futuro isento, ao menos do excesso, de ignorância, intolerância e maldades, substituídos pela coerência, consciência de igualdade, autonomia, lealdade, respeito e amor mútuo.*

***Parte** das cenas possuem diálogos e atos de transfobia e xenofobia que ouvi com meus próprios ouvidos, senti em minha pele; e que não podemos fingir que não vemos, ou que não machuca, ou fingir que tudo bem. Plasmei no papel não apenas pra divulgar / denunciar "níveis de sutileza" de tais*

atos, mas para também dissipar, dissolver, e abraçar corações e mentes que se sintonizam com a compreensão dessas dores e também a quem se sintoniza com a ideia de compreensão dessas dores, sejam pequenas ou grandes dores; que, quando inesperadamente se somam, viram uma dor que parece quase irreparável, e quem a sente deve ter descomunal força de vontade pra se liberar de tal dor somatizada, e seguir em frente, sano e vital. Ao falar dessa dor, todo humano sabe do que tô falando, mas gostaria de ver todos os humanos acessando esse lugar de auto cura vital.

O alento, o apoio, e até o conforto, consolo, ovação, e o respeito são ações que restauram coração e mente feridos, e o belo é que não se precisa de muito, apenas de uma gota de amor sem condições para entregar e integrar o bálsamo que o outro apresenta precisar. O impressionante é que o respeito é também um escudo protetor, que, quando utilizamos constantemente, estamos evitando feridas em nós e nos outros Seres; não digo outras pessoas, pois infinitos tipos de relações existem não apenas entre humanos, pois outros seres sentem dores também, como podemos refletir até aqui. É, para muito além do racional, possível perceber e sentir as ações que foram citadas.

Acerca da peça em si: é uma inspiração! **Uma Inspiração** unificada a *Experiências Vividas*! Há partes de mim e minha compreensão, em cada, e todos personagens, e ao mesmo tempo são parte de minha imaginação também! Particularmente, quando eu era pequeno, dos 8 aos 14 anos, vivia olhando e estudando Atlas, imaginando como fugir, mas nunca cheguei a fazer isso. Apenas quando com 17 fui morar sozinho, mas ainda na mesma cidade de minha mãe, que me visitou raras vezes, e apenas até o portão, não me lembro d'ela entrar em minha casa. Não me lembro se foi por falta de convite, sinceramente. O fato é brincar com a transparência que há e não há, entre o dramaturgo e a cena, e onde não é transparente é puro arco-íris que se realiza pelo plasma das cores da imaginação.

Deveras, muito do que gostaria de trazer primeiramente para esta edição, já está plasmado nas cenas, e com imensa alegria e prazer, registrando a primeira vez que estou junto, contribuindo com essa equipe potente e linda, desta revista potente em sua contundência! Torno público que será um imenso prazer seguirmos juntas para as próximas edições apresentar outras mais cenas e narrativas que contemplam o perceber desde o ponto de existência de meu respirar!"

"Sou outro você e juntos em Biosfera Sagrada somos um com a Terra, e em Noosfera Sagradamente Consciente somos uma Única Mente, limpa, Cristalina, Arco Írica, em poder de autocura 7::7::7::7, Cubicados no Cubo do não Ego, vivendo e conhecendo o Encantamento do Sonho (DreamSpell; Valum Votan), as Crônicas da História Cósmica (Valum Votan e Rainha Vermelha Stephanie South) e também o Mapa de Visão (Rainha Vermelha Stephanie South)".

Yan Sol TupiGuaraní Pataxó